

VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS: «CONTINUAREMOS A RESISTIR»

A prática sistemática de violação dos direitos humanos por parte das autoridades coloniais marroquinas não tem conseguido quebrar a resistência saharauí à ocupação da sua pátria.

Em 21 de Novembro passado o representante da República Árabe Saharaui Democrática (RASD) na Comissão dos Direitos Humanos e dos Povos da União Africana (UA), Weddad El-Mostafa, **apelou** a uma intervenção urgente daquela Comissão para pôr fim às práticas de violação dos mais elementares direitos por parte das autoridades de ocupação marroquinas. Citou, como exemplo, a situação da activista Sultana Khaya e da sua família, que foram colocadas sob prisão domiciliária há mais de um ano, onde sofreram todo o tipo de intimidação e abuso, incluindo violação. El-Mostafa salientou a necessidade de implementar urgentemente a resolução do Conselho Executivo da UA que apela ao envio pela Comissão de uma missão aos territórios saharauis ocupados para investigar as violações dos direitos humanos e informar o Conselho.



Fig. 1: Sultana Khaya

Esta preocupação de alertar para a situação dos direitos humanos nos territórios ocupados tem sido um dos campos de intervenção das organizações saharauis que a sofrem, como é o caso da Instância Saharaui Contra a Ocupação Marroquina (ISACOM). O jogo de futebol entre a Argélia e Marrocos, disputado em 11 de Dezembro, foi o detonador de uma nova vaga repressiva.

Conforme **conta** a agência SPS, «Em comunicado divulgado no dia 14 de Dezembro, a ISACOM destaca a informação publicada pelo órgão de comunicação social saharauí **Fundação Nushatta**, que noticiou que "a polícia marroquina lançou a sua campanha de assédio e detenções contra civis saharauis nas zonas ocupadas do Sahara Ocidental antes do jogo de futebol com a detenção do presidente da Fundação Nushatta, Lwali Lahmad".» Segundo a ONG, «testemunhas oculares relataram que agentes policiais das autoridades de ocupação marroquinas prenderam, após o final do jogo, vários jovens que celebravam a vitória da equipa argelina e os espancaram, arrastando-os pelas ruas.»

Para a SPS estes acontecimentos «lembram-nos incidentes semelhantes que resultaram na morte da jovem saharauí Sabah Othman Hmida, depois de ter sido atropelada por um carro pertencente a uma das forças repressivas marroquinas a 20 de Julho de 2019, depois de a equipa nacional argelina ter ganho a Taça Africana das Nações.»

A ISACOM termina o seu comunicado «convidando as Nações Unidas e o Comité Internacional da

Cruz Vermelha a assumirem as suas responsabilidades e a abandonarem a sua inacção, pressionando Marrocos a respeitar os seus compromissos em matéria de direitos humanos.»

Dias depois de ser libertado pela polícia Lwali Lahmad foi **entrevistado** por Oscar Rickett para o *Middle East Eye* (MEE). O jornalista descreve o ambiente que se vivia na capital do Sahara Ocidental antes e logo após o jogo. «Nas horas que antecederam a partida de sábado da Taça Árabe da FIFA entre a Argélia e Marrocos, Laayoune estava mortalmente sossegada. As autoridades marroquinas tinham emitido um recolher obrigatório (...), com cafés, restaurantes e qualquer local onde se pudesse ver o jogo de futebol, obrigatoriamente fechados. Depois a Argélia, saudada pelos saharauis pelo seu apoio a um Sahara Ocidental independente, venceu Marrocos, a potência ocupante. As pessoas saíram às ruas para festejar.»

Nesta conversa com o MEE, Lahmad descreve os acontecimentos que envolveram a sua prisão antes do jogo, as circunstâncias em que a mesma foi realizada e quem chefiava os agentes que o prenderam. Descreve também as condições em que o conduziram à sede da polícia e a brutalidade de que foi alvo durante a viagem e, depois, na própria esquadra: «fotografias enviadas para o MEE atestam o nível de violência que lhe foi infligido, uma vez que se podem ver equimoses em todo o seu corpo. (...). Libertado da sede da polícia às 2h30 da manhã, Lahmad regressou a casa, onde tem estado desde então. Permanece sob vigilância e ainda não pôde consultar um médico. O jornalista saharai diz que nunca foi emitido um mandado de captura ordenado pelo tribunal e que nunca lhe foi dada uma razão para a sua detenção. Diz que em momento algum lhe foi dada uma oportunidade de falar com um advogado.»

Oscar Rickett informa-nos, ainda, que «Nem o Ministério dos Negócios Estrangeiros marroquino nem a embaixada de Marrocos em Londres responderam ao pedido do MEE sobre o caso de Lahmad.»¹

Relata depois o «padrão de abuso» a que as mulheres saharauis são sujeitas pelas forças de segurança marroquinas, particularmente as que se empenham na defesa dos direitos humanos. Lembra que «Em Julho, Mary Lawlor, relatora especial da ONU sobre a situação dos defensores dos direitos humanos, apelou a Marrocos para "deixar de visar os defensores dos direitos humanos e os jornalistas que defendem os direitos humanos relacionados com o Sahara Ocidental".» E em Novembro, a Amnistia Internacional «relatou que as forças de segurança marroquinas tinham invadido a casa da conhecida activista dos direitos das mulheres saharauis Sultana Khaya, violando-a e abusando sexualmente das suas irmãs e da sua mãe de 80 anos de idade.»

Termina dando a palavra às combatentes da liberdade saharauis: «Vamos continuar a lutar. Continuaremos a resistir.»

Em finais de Dezembro Mary Lawlor voltou a **insistir** na denúncia desta situação: «Sultana disse não ter sido acusada de qualquer crime e que gostaria de ter a oportunidade de responder a quaisquer alegações que lhe sejam dirigidas. Em Junho de 2021 juntei-me a outros peritos independentes da ONU para levantar a questão do seu tratamento junto das autoridades marroquinas, observando que Sultana tem sido uma proeminente Defensora dos Direitos Humanos desde há muitos anos.»

De forma quase coincidente, no dia seguinte à ocorrência destes acontecimentos desembarcou em El Aaiún uma delegação da embaixada dos EUA em Rabat para encontros com várias instituições marroquinas e saharauis para abordar um leque diverso de assuntos, que incluíam áreas económicas e sociais assim como a situação dos direitos humanos. David Fisher, conselheiro político, e Mohamed Amin Messaoudi, assessor da direcção de assuntos políticos da embaixada, encontraram-se no 16 de

¹ A Federação Internacional dos Direitos Humanos **lançou** em 23 de Dezembro um alerta urgente contra a «prisão arbitrária e os mau tratos» de que Lwali Lahmad foi alvo.

Dezembro com uma delegação da ISACOM presidida por Aminetou Haidar. A reunião demorou mais de uma hora. Não foi divulgado por parte do Departamento de Estado qualquer comunicado sobre este encontro.

Tão preocupados com as violações dos direitos humanos pelas autoridades de Pequim, tão despreocupados com as violações dos direitos humanos pelas autoridades de Rabat!